

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

REDACTOR PRINCIPAL - ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III - Número 895

Redação, administração e tipografia, Calçado do Combro, 38-A, 2.º

Sabado, 22 de Outubro de 1921

Lisboa - PORTUGAL

Endereço telegráfico Taibabo-Lisboa - Telefone 5336

PREÇO 5 CENTAVOS

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 115

As Federações de Indústria e os Sindicatos Nacionais, reunidos ontem, telegrafaram ao chefe do governo reclamando a liberdade imediata dos presos por delitos de carácter social e resolveram dar o seu apoio a qualquer movimento que, para o efeito, a C. G. T. venha a iniciar.

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor - CARLOS MARIA COELHO

## A atitude operária perante os acontecimentos

Notada tem sido a atitude da classe operária perante os acontecimentos que se estão desenrolando. Neutral, como sempre, aos choques das paixões políticas em que se degladiam, sem ideal e sem nobreza, alguns bando de portugueses, a organização operária mantém-se, como em ulteriores emergências similares, na expectativa, contemplando, do palanque o espetáculo triste, muito triste mesmo, que os políticos e a massa eleitoral lhe oferecem neste momento.

Acusados de desordeiros e de bandidos da pior espécie pelos políticos e pela imprensa burguesa, os sindicalistas revelam-se, afinal, nesta degringolade em que se afunda a sociedade portuguesa, os únicos que sabem o que querem, por onde caminham e para onde marcham. Queremos e trabalhamos abertamente, à claras, dia a dia, pela Revolução, e odiamos profunda e sinceramente a Ordem, essa ordem com o maiúsculo, mantida pela violência, pela força dos sabres, dos canhões e das baionetas, e que os factos ensinaram-nos a traduzir como a sujeição resignada do povo aos caprichos e à orgia de quem quer que seja que, por imprevistas e fortuitas circunstâncias, empunhe, no momento, o scetra do Poder. Mas porque queremos a Revolução precisamente para substituir essa Ordem pela Harmonia que não pode ser assegurada pela violência, mas pela garantia do bem-estar e da liberdade de todos, é que não empreendemos revoluções que nada revolucionam isto é, que nada renovam, que nada transformam, antes contribuem para a maior desarmonia entre os homens, pelos ódios que estravam, pelas novas clientelas políticas que criam, pelas dificuldades cada vez maiores que originam. Mas se não aplaudimos, também não exercemos essas revoltas e insurreições com que os mantenedores dessa tal Ordem, e odiámos, estão constantemente sobressaltando a população portuguesa, entre outras razões porque são essas revoltas que, precisamente, põem em contraste a atitude desses amigos da Ordem e patriotas, e a atitude do operariado - cujas manifestações, como o demonstrou a colossal parada de fôrmas efectuada por ocasião dos funerais das vítimas da ganância dos empreiteiros de construções - são sempre calmas e ordeiras desde que a perturba-las se não apresentem os defensores da Ordem.

Mais uma vez, perante os acontecimentos políticos que decorrem, a classe operária organizada afirmou-se, ganhando autoridade moral para se impôr aos seus detractores e inimigos.

Se para aqueles que, sistematicamente e propositalmente, desde os primeiros protestos dos sindicalistas contra o mau caminho por que enceraram os homens da república, logo após o 5 de outubro - tem caluniado o sindicalismo, crivando os sindicalistas de todos os epítetos, atribuindo-lhes propósitos de banditismo e desvirtuando-lhes as suas intenções; - se para esses nossos sistemáticos calunadores a nossa atitude firme, coesa e consciente não pode de modo algum agradar porque com ela esmagamos as suas calúnias e destruimos os seus bem evidentes planos, essa atitude terá, por certo, conquistado a confiança dos que se tem deixado levar por essa campanha tópica de calúnias, apresentando-lhes a organização operária como a única força moral capaz, pelo seu número, pela sua coesão, pela compreensão das suas responsabilidades e pela orientação firme que a norteia, de levar a efeito a obra de verdadeira salvação nacional que não se resume apenas na substituição de homens nas cadeiras do poder ou nos gabinetes da polícia, mas na transformação de toda esta formidável, complexa, ferrugenta e desconjuntada engrenagem social.

O desastre de Campo de Ourique Pessoal da Carris de Ferro

Outras construções que ameaçam desabar

C. G. T.

Os presos por questões sociais

A comissão de revolucionários sociais e da C. G. T. encarregada de um desconto de 5000, o que, em virtude do acordo estabelecido para solução da greve, não podia fazer.

Em face da atitude do pessoal, a comissão de melhoramentos da classe entrevistou a direção, a qual não aceitou a justa reclamação.

Por este motivo a comissão procurou o presidente do ministério, sendo recebida pelo secretário daquele ministério, que prometeu urgentemente tratar do assunto.

O pessoal aguarda a resolução deste caso no mais curto prazo de tempo e caso não seja resolvido como é de justiça, fará valer os seus direitos.

A comissão irá hoje, pelas 13 horas, ao ministério do interior saber a resposta, para depois a comunicar à classe.

Ver na 3.ª página o nosso folheto

A revolta da carne

Sindicato Ferroviário da C. P.

Nota oficiosa

A comissão de melhoramentos avistou-se ontem com o presidente do ministério, a quem expôs a situação da classe e fez-lhe entrega das respectivas reclamações, as quais já de havia muito se encontram entregues no Conselho de Administração da Companhia.

A comissão pediu a interferência imediata do governo no sentido de o mais rápido possível serem satisfeitas as referidas reclamações, respondendo aquele senhor que faria tudo quanto estivesse ao seu alcance para que justiça fosse feita aos ferroviários da C. P.

Em seguida reuniu a classe em assembleia, na sede do Sindicato, tomando conhecimento do que se passou, resolvendo insistir junto do governo e da companhia, para rápida solução deste momentoso assunto. Foram enviados nesse sentido telegramas aos presidente do ministério e presidente do conselho de administração.

A comissão vai tratar de três graves assuntos - para que essas obras sejam embargadas e demolidas, a fim de evitar más desgraças pessoais.

Trabalhadores: Difundir a BATALHA é fazer obra revolucionária.

## O MOVIMENTO POLITICO

### Um atentado contra o conhecido explorador Alfredo da Silva - A prisão do grotesco governador civil Lelo Portela

As famílias dos srs. António Granjo, Carlos da Maia e Machado Santos opõem-se a que

as vítimas sejam feitos funerais nacionais

Pode-se dizer que a cidade readquiriu ontem o seu aspecto normal. Como factos principais de ontem há apenas a registar a prisão, em Vendas Novas de Lelo Portela, que ficou conhecido por o governador-federal, e o atentado ao conhecido assentador Alfredo da Silva, director da União Fabril, que, foi atingido com uma bala num quadril e caiu na nadega esquerda na estação de Leiria, depois de um conflito com um grupo de populares.

O ferido recebeu os primeiros socorros no hospital daquela cidade.

#### Os funerais das vítimas

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da Cruz servindo de peritos os srs. drs. Asdrubal d'Aguia, Ferreira Marques e Santana Rodrigues e escrivão José Vasques efectuaram-se ontem as auctorias do contra-almirante sr. Machado Santos e do capitão de fragata sr. José Carlos da Maia sendo causa das mortes respectivamente fractura do crânio e fractura múltipla do crânio e dislocação do encéfalo.

Hoje sob a presidência do mesmo magistrado e peritos e escrivão efectuaram-se as autopsias do presidente do ministério sr. dr. António Granjo e capitão de fragata sr. Freitas da Silva.

Nas morgues foi ontem lavrado o auto de reconhecimento do sr. dr. António Joaquim Granjo, tendo as declarações prestadas pelo sr. Francisco da Fonseca, médico, residente na rua Go-

mes Freire, 195, 2.º, patrício do falecido Alberto Mario de Sousa Costa, advogado e residente na rua Borges Carneiro 25, r/c, tendo servido de testemunhas o sr. dr. Diniz Simões de Carvalho, juiz do Tribunal do Comércio, residente na rua Coelho da Rocha, 46, 1.º e sr. José Lopes d'Oliveira, professor do Liceu Passos Manoel, residente na Parede.

Os cadáveres dos srs. Machado Santos e Carlos da Maia foram encerrados em caixão de veludo, tendo-lhes sido vestidas as fardas.

Serviram de testemunhas deste auto o sr. Fidelino de Figueiredo escritor e residente na Avenida Duque d'Avila 112-3.º e Manuel Severiano Simões Baiao, cirurgião dentista, residente na Avenida Almirante Reis, 75-1.º

Os cadáveres do sr. Machado dos Santos e Carlos da Maia foram ontem cerca das 22 horas transportados em carretas para o Ministério do Interior por ordem do Ministério da Guerra, sendo porém esta transferência feita contra vontade das respectivas famílias, as quais faziam grande empenho em os levar para casa.

Parece que o cadáver do sr. António Granjo não amanheceu transportado diretamente da morgue para o jazigo do sr. dr. António José de Almeida no cemitério dos Prazeres, onde se conservará alguns dias, devendo depois ser transportado para Chaves.

A viúva do sr. dr. António Granjo não anuiu que o cadáver de seu esposo fosse transportado para o Ministério do Interior.

Na residência do sr. dr. António Granjo esteve ontem o sr. Jaime Atias, secretário do sr. presidente da República.

Um grupo de amigos do falecido capitão de fragata Carlos da Maia pro-

Júnior, comerciante e morador na rua Alberto Ribeiro, 54, 2.º, e do 2.º preso declararam declarações o sr. Carlos Augusto da Maia Júnior, empregado público, morador na rua n.º 1, a Bairro Novo da Lapa, irmão do falecido e José Gonçalves Carneiro, comerciante e morador na mesma rua.

Serviram de testemunhas deste auto o sr. Fidelino de Figueiredo escritor e residente na Avenida Duque d'Avila 112-3.º e Manuel Severiano Simões Baiao, cirurgião dentista, residente na Avenida Almirante Reis, 75-1.º

Os corpos directivos do Partido Socialista aprovaram a seguinte moção:

«O Partido Socialista Português, fiel aos seus princípios de abstenção no movimento da política burguesa e em harmonia com as resoluções dos seus congressos, que terminantemente lho indicam, salvo nos momentos em que a República perigue, estranho como é ao último movimento revolucionário, considera os seus filiados a abstêm-se de qualquer manifestação.»

Todas as associações e centros partidários tem o dever de, na sua esfera de ação, contrariarem qualquer tentativa de luta fraticida, que, sem objectivo ou finalidade social, é para o povo de resultados negativos, servindo apenas e bem, a propaganda reactionária.

Mais do que nunca, núcleos e filiados estarão em permanente contacto com os organismos directivos centrais ou regionais, aguardando serenamente os acontecimentos.»

#### Os feridos

O sr. José Correia Júnior, 2.º tenente da secretaria naval, que há dias foi ferido com tiros, no quartel dos marinheiros, que se encontra no quarto particular n.º 2, do hospital de S. José, foi ontem visitado pelos srs. Jaime Atias e Manuel Serradas, secretários do sr. presidente da República, que ali foram em casa onde residia.

Também visitaram o sr. Correia Júnior, além de muitos oficiais de marinheiros sr. Isidoro Pereira Leite, Isaías Dias, capitão de fragata; Santos Silva, também capitão de fragata, e Adalberto Santos, em nome do governador civil de Lisboa.

#### O novo governo

Consta que o sr. coronel Maia Pinto não aceitou a pasta das colónias, que transitaria para ali o indigitado ministro da justiça dr. sr. Vasco de Vasconcelos, que ainda ontem se encontrava na Figueira da Foz e que o novo ministro da justiça será o dr. sr. Rocha Saravá.

Deve ficar resolvida, hoje, a escolha dos novos governadores civis.

Por enquanto não há ministro efectivo para a pasta da instrução.

O ministro da guerra incumbiu os srs. José Henrique Barreto e Moreira Lopes de prestarem serviço e tomarem conta de todos os assuntos do gabinete do ministro das colónias até à posse do respectivo titular. Aqueles senhores são funcionários superiores do ministério das colónias.

A secretaria do interior continuou ontem a ser, muitíssimo frequentada por revolucionários civis.

As repartições ministeriais retomaram ontem a normalidade, comparando os respectivos funcionários na sua quasi totalidade.

Como os jornais da manhã já noticiaram, realizou-se anteontem à noite, no Barreiro, como dissemos, a sessão magna dos ferroviários do Sul e Sueste para tomar conhecimento das démarches efectuadas pelo comité de readmissão dos despedidos e reformados da última greve.

Presidiu António José Pinto, secretariado por Carlos de Azevedo e Manuel Tires.

O camarada António José Pinto recordou a greve de setembro de 1920 salientando as suas fases mais interessantes. Aconselhou a classe a aguardar seriamente o cumprimento das promessas da junta revolucionária. Se a junta não cumprir, está certo que a classe saberá cumprir o seu dever.

Terminou apresentando à assembleia o sr. João Azevedo da Silva nomeado administrador do concelho pela junta revolucionária que discursou enaltecedoramente a classe ferroviária.

A seguir falou Ludgero Cigarrão declarando aguardar que a junta cumpra as suas promessas e propôs que lhe fosse enviado um telegrama saudando-a pela sua vitória.

Alírdo Pinto congratula-se con-

que os ferroviários do Sul e Sueste realizaram ontem à noite, no Barreiro, como dissemos, a sessão magna dos ferroviários do Sul e Sueste para tomar conhecimento das démarches efectuadas pelo comité de readmissão dos despedidos e reformados da última greve.

Presidiu António José Pinto, secretariado por Carlos de Azevedo e Manuel Tires.

O camarada António José Pinto recordou a greve de setembro de 1920 salientando as suas fases mais interessantes. Aconselhou a classe a aguardar seriamente o cumprimento das promessas da junta revolucionária. Se a junta não cumprir, está certo que a classe saberá cumprir o seu dever.

Terminou apresentando à assembleia o sr. João Azevedo da Silva nomeado administrador do concelho pela junta revolucionária que discursou enaltecedoramente a classe ferroviária.

A seguir falou Ludgero Cigarrão declarando aguardar que a junta cumpra as suas promessas e propôs que lhe fosse enviado um telegrama saudando-a pela sua vitória.

Alírdo Pinto congratula-se con-

que os ferroviários do Sul e Sueste realizaram ontem à noite, no Barreiro, como dissemos, a sessão magna dos ferroviários do Sul e Sueste para tomar conhecimento das démarches efectuadas pelo comité de readmissão dos despedidos e reformados da última greve.

Presidiu António José Pinto, secretariado por Carlos de Azevedo e Manuel Tires.

O camarada António José Pinto recordou a greve de setembro de 1920 salientando as suas fases mais interessantes. Aconselhou a classe a aguardar seriamente o cumprimento das promessas da junta revolucionária. Se a junta não cumprir, está certo que a classe saberá cumprir o seu dever.

Terminou apresentando à assembleia o sr. João Azevedo da Silva nomeado administrador do concelho pela junta revolucionária que discursou enaltecedoramente a classe ferroviária.

A seguir falou Ludgero Cigarrão declarando aguardar que a junta cumpra as suas promessas e propôs que lhe fosse enviado um telegrama saudando-a pela sua vitória.

Alírdo Pinto congratula-se con-

que os ferroviários do Sul e Sueste realizaram ontem à noite, no Barreiro, como dissemos, a sessão magna dos ferroviários do Sul e Sueste para tomar conhecimento das démarches efectuadas pelo comité de readmissão dos despedidos e reformados da última greve.

Presidiu António José Pinto, secretariado por Carlos de Azevedo e Manuel Tires.

O camarada António José Pinto recordou a greve de setembro de 1920 salientando as suas fases mais interessantes. Aconselhou a classe a aguardar seriamente o cumprimento das promessas da junta revolucionária. Se a junta não cumprir, está certo que a classe saberá cumprir o seu dever.

Terminou apresentando à assembleia o sr. João Azevedo da Silva nomeado administrador do concelho pela junta revolucionária que discursou enaltecedoramente a classe ferroviária.

A seguir falou Ludgero Cigarrão declarando aguardar que a junta cumpra as suas promessas e propôs que lhe fosse enviado um telegrama saudando-a pela sua vitória.

Alírdo Pinto congratula-se con-

que os ferroviários do Sul e Sueste realizaram ontem à noite, no Barreiro, como dissemos, a sessão magna dos ferroviários do Sul e Sueste para tomar conhecimento das démarches efectuadas pelo comité de readmissão dos despedidos e reformados da última greve.

Presidiu António José Pinto, secretariado por Carlos de Azevedo e Manuel Tires.

O camarada António José Pinto recordou a greve de setembro de 1920 salientando as suas fases mais interessantes. Aconselhou a classe a aguardar seriamente o cumprimento das promessas da junta revolucionária. Se a junta não cumprir, está certo que a classe saberá cumprir o seu dever.

Terminou apresentando à assembleia o sr. João Azevedo da Silva nomeado administrador do concelho pela junta revolucionária que discursou enaltecedoramente a classe ferroviária.

A seguir falou Ludgero Cigarrão declarando aguardar que a junta cumpra as suas promessas

orta nidade que favorece o conseguinteamento das reclamações dos ferroviários solicitando-as por eles terem sabido aprová-las. Fala da sua prisão efectuada durante a greve e defende a libertação dos presos por questões sociais.

Lucio Monteiro ajaca, vibrantemente o chefe da polícia do Barreiro que arbitrariamente perseguiu ferroviários.

Falará Joaquim Correia de Barros, João da Cruz Cebola e Rosa Júnior que reivindicaram a realização das reivindicações da classe.

Miguel Correia fala da junta revolucionária e alude à reacção que vai assegurar a oposição em que eram mantidos os ferroviários do Sul e Sueste.

A seguir contou que os ferroviários despedidos da greve de setembro já estavam readmitidos e que os combóios começaram por esse facto a circular.

A reunião terminou no meio de grande entusiasmo, tendo-só sido vivas a C. G. T. e a Batalha.

A Federação Corticeira Nacional, na sua reunião ontem efectuada, resolveu saídos todos os camaradas ferroviários por ver no seu seio tantos prestativos elementos que teceram os vidas do ódio tórrido e reaccionário dos dirigentes do Sul e Sueste e Minho e Douro.

A direcção da Associação de Classe do Pessoal da Imprensa Nacional expediu um telegrama para a classe ferroviária do Sul e Sueste, exprimindo o seu regozijo pela readmissão que acabava de dar-se dos camaradas demitidos por ocasião da greve de setembro de 1920, fazendo votos pela satisfação das restantes reclamações da mesma classe.

**O sr. Tamagnini não está preso**

O correspondente do *Século* em Oeiras informa que a prisão do major sr. Tamagnini Barbosa, não se deu como noticiaram os jornais. O facto passou-se da seguinte forma: às 8 horas de anteontem, chegaram ao apeadeiro de Santo Amaro três guardas e um marinheiro, que se dirigiram a casa do major, a quem deram ordem de prisão.

Em seguida conduziram-no à estação de Oeiras, onde — segundo se diz — encionavam matá-lo, ao que o chefe da estação, energeticamente, se opôs, dizendo que primeiro o haviam de matar a ele, e que iria pedir para o quartel da Madroena uma força, para os desarmar e prender.

Desistindo os guardas do seu intento, embarcaram com o preso no primeiro combóio; mas, segundo ordens do administrador de Oeiras, foram detidos, com o preso, no apeadeiro de Santo Amaro.

Como mais ordens se não recebessem, o preso seguiu o destino que lhe aprouve, e os guardas foram tratar da sua vida.

Porém, quando, à tarde, seguiram para Lisboa, foram desarmados em Alges pela guarda republicana.

**Openamento operário no actual momento**

O secretário geral da C. G. T. concedeu ontem uma entrevista ao *Diário de Lisboa* que julgamos interessante transcrever:

A C. G. T., organismo central do operariado, fundado há dois anos num congresso realizado em Coimbra, adotou, perante o movimento revolucionário, uma atitude de expectativa que não exclui a defesa, perante o governo da insurreição saído, daquelas aspirações que constituem o seu programa mínimo. Há operários presos — e a sua libertação é considerada pela C. G. T. imprescindível para a completa pacificação da sociedade portuguesa. Há tribunais e leis de exceção — e a sua derrogação, no critério dos nossos sindicais, é que pode imprimir ao regime aquela cunho democrático, que tem existido mais, dizem, com cravado leve. Saber o que se passa entre o proletariado, que nestes dias tem sido de uma serenidade admirável, levou o representante, até ao edifício da Calçada do Combro, onde funciona a parte mais importante dos organismos sindicais da capital. Ali, naquele casarão em que tantas dias de revolta se tem vivido, celebrizado até numa tarde de sangue que apavorou Lisboa inteira, há tranquilidade. Cartazes, manifestos, Aos cantos, operários que, calmamente, comentam a marcha dos acontecimentos, uma ou outra palavra sólida deixa transparecer um grande desejo de repouso, de tranquilização geral...

**O fusilamento do sr. António Granjo**

**Atitude nobilitante do sr. Cunha Leal**

O sr. António Granjo estava de relações cortadas com o sr. Cunha Leal. Falava-se, até num possível duelo entre ambos.

Ao ser cercada a sua casa, fugiu pela escada de ferro das trazciras, saltou os muros de vários quintais e refugiou-se em casa do sr. Cunha Leal. Este, apesar do rompimento de relações, procurou por todos os meios, salvar-lhe a vida, não recuando diante do perigo da guarda, e para isso ter sido convidado. Fica proclamado o estado de sitio em virtude do general Pereira de Magalhães, chefe do distrito, entregar ao poder militar o governo da cidade, segundo uns, para melhor ser garantida a ordem, segundo outros, porque compreendeu que tinha uma corrente desfavorável entre os grupos civis e população republicana por ser conservador e não ser democrático.

Como todos os editais dos governadores militares, nestas ocasiões, o editorial a que me refiro garante os direitos estabelecidos na constituição da república, mas em compensação todas as classes de espectáculo, cafés, restaurantes e tabernas devem encerrar as suas portas às 21 horas. Ficam proibidos os grupos e ajuntamentos, algarazás e discussões, bem como o trânsito às 23. Além disto, não são também permitidos os boatos, formação de maus juízos, etc., esperando o governador militar o acatamento, por todos, destas disposições, a fim de evitar que medidas energicas e repressivas tenham de ser tomadas para garantir a ordem.

O ex-ministro das finanças negou-se a tal falar e o sr. Benjamin Pereira retirou-se sem nada conseguir.

Apesar disto o sr. Cunha Leal telefonou para o comité pedindo providências. Não sabemos o que se passou.

O que é certo é que, pouco depois, pelas traseiras dos prédios vizinhos e pelas escadas, subiam vários populares e marinheiros armados que, depois de procurarem até dentro de capoferas de alguns quintais, se dirigiram a casa do sr. Cunha Leal, exigindo-lhe a entrega do seu hóspede.

A frente do grupo ia o guarda-marinha sr. Benjamin Pereira que declarou ao sr. Cunha Leal, sob sua honra, responsável-se pela vida do ex-presidente do ministério.

O sr. Cunha Leal não se contentou com isso e declarou que iria para o sr. António Granjo fôsse.

Seguiram-se então, ambos num automóvel para o Arsenal da Marinha.

O ex-ministro da Finanças exigiu então ao sr. Benjamin Pereira o cumprimento da sua palavra de honra sendo

imprensa, a revogação insufável de todas as leis e tribunais de exceção, a abolição da lei de 1893 que limita a liberdade de reunião e associação.

— E os assaltos? Há boatos...

**Os assaltos sendo um acto de revindicação popular não atenuam a carestia da vida**

— A C. G. T. não preconiza os assaltos. Eles, longe de atenuarem a carestia da vida, ainda a agravam mais. Constituem, na verdade, um acto de revindicação popular que não se pode censurar, mas que também não é aconselhável.

— Os presos... Sempre veem para a prisão?

— Não prescindimos da sua liberdade. Ainda há vinte trabalhadores presos, que o governo deve restituir à vida.

— Para esse efeito, vocês vão...

— Vamos efectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos. No entanto, há uma pressão da parte do operariado, que pode ir até um movimento cujas consequências não podemos prever. Junto do governo, a comissão pro-préssos vai dentro em pouco tratar da sua situação. Ele terá, certamente, a prudência necessária para atender os nossos desejos.

A C. G. T. — concluiu o nosso entrevistado — reconhece, neste momento, a necessidade de certa normalidade, sem a qual não será possível entrar-nos numa política progressiva. Mas é preciso que o governo atenda os desejos do proletariado organizado que, neste momento trágico, com toda a moderação tem procedido. Os presos, uma vez em liberdade, em vez de constituir um perigo, representarão uma garantia de ordem, formada pelo reconhecimento da justiça que lhes fizeram.

**A prisão e a morte do fundador da República**

Já tinha ultrapassado a meia noite quando um grupo de marinheiros batia violentamente com as coronhas à porta do fundador da república.

Um filho do sr. Machado Santos veio abrir:

— Meu pai está deitado.

Os marinheiros entraram e dirigiram-se ao quarto do sr. Machado Santos.

— Está preso, sr. almirante, disse-lhe um marinheiro.

— Então deime-me licença para me vestir. Não me demoro...

Obtemperaram-lhe.

— Vista-se mesmo diante da gente.

Quando o fundador da república se preparava para pôr o colarinho disseram-lhe:

— Deixe-se disso. Não vale a pena.

Isto é rápido...

O almirante aceeou e saiu com elas.

A sua morte foi presenciada pelo sr. António Gomes, empresário do teatro Apolo que vinha do Arsenal, em trem.

A esquina da rua da Palma e de S. Vicente à Guia, dois policiais embargam-lhe a passagem. O sr. Gomes, não sabendo quais as suas intenções, recusa dizer para onde vai, o que ia dando causa a ser preso. Por fim, os policiais resolvem deixá-lo passar e o trem segue em direcção ao Intendente.

— Faça alto — bradaram.

O trem parou e o sr. Augusto Gomes apeou-se.

— Precisamos de ser trem! — disseram.

— Tem de levar um cadáver à Morte.

— Onde está o cadáver?

Do automóvel a que acima nos referimos e que estava parado, saiu então um grupo dos tais individuos fardados, com um paisano.

Era o sr. Machado Santos, que suplicava que o não matassem, tinha milha, que ficaria na desgraça. Para que lhes serviria a sua morte?

E logo uma descarga prostrou por terra o fundador da república.

O sr. Machado Santo caiu, ficando com a cabeça entre as pernas.

Atiraram-se para dentro do trem que seguiu para a Morgue.

**O fusilamento do sr. António Granjo**

**Atitude nobilitante do sr. Cunha Leal**

O sr. António Granjo estava de relações cortadas com o sr. Cunha Leal. Falava-se, até num possível duelo entre ambos.

Ao ser cercada a sua casa, fugiu pela escada de ferro das trazciras, saltou os muros de vários quintais e refugiou-se em casa do sr. Cunha Leal. Este, apesar do rompimento de relações, procurou por todos os meios, salvar-lhe a vida, não recuando diante do perigo da guarda, e para isso ter sido convidado. Fica proclamado o estado de sitio em virtude do general Pereira de Magalhães, chefe do distrito, entregar ao poder militar o governo da cidade, segundo uns, para melhor ser garantida a ordem, segundo outros, porque compreendeu que tinha uma corrente desfavorável entre os grupos civis e população republicana por ser conservador e não ser democrático.

Como todos os editais dos governadores militares, nestas ocasiões, o editorial a que me refiro garante os direitos estabelecidos na constituição da república, mas em compensação todas as classes de espectáculo, cafés, restaurantes e tabernas devem encerrar as suas portas às 21 horas. Ficam proibidos os grupos e ajuntamentos, algarazás e discussões, bem como o trânsito às 23. Além disto, não são também permitidos os boatos, formação de maus juízos, etc., esperando o governador militar o acatamento, por todos, destas disposições, a fim de evitar que medidas energicas e repressivas tenham de ser tomadas para garantir a ordem.

O ex-ministro das finanças negou-se a tal falar e o sr. Benjamin Pereira retirou-se sem nada conseguir.

Apesar disto o sr. Cunha Leal telefonou para o comité pedindo providências.

Não sabemos o que se passou.

O que é certo é que, pouco depois, pelas traseiras dos prédios vizinhos e pelas escadas, subiam vários populares e marinheiros armados que, depois de procurarem até dentro de capoferas de alguns quintais, se dirigiram a casa do sr. Cunha Leal, exigindo-lhe a entrega do seu hóspede.

A frente do grupo ia o guarda-marinha sr. Benjamin Pereira que declarou ao sr. Cunha Leal, sob sua honra, responsável-se pela vida do ex-presidente do ministério.

O sr. Cunha Leal não se contentou com isso e declarou que iria para o sr. António Granjo fôsse.

Seguiram-se então, ambos num automóvel para o Arsenal da Marinha.

O ex-ministro da Finanças exigiu então ao sr. Benjamin Pereira o cumprimento da sua palavra de honra sendo

imprensa, a revogação insufável de todas as leis e tribunais de exceção, a abolição da lei de 1893 que limita a liberdade de reunião e associação.

— E os assaltos? Há boatos...

**Os assaltos sendo um acto de revindicação popular não atenuam a carestia da vida**

— A C. G. T. não preconiza os assaltos. Eles, longe de atenuarem a carestia da vida, ainda a agravam mais. Constituem, na verdade, um acto de revindicação popular que não se pode censurar, mas que também não é aconselhável.

— No Arsenal encontravam-se exaltadíssimos vários marinheiros, guardas republicanos e civis. O sr. Crato para evitar novos acontecimentos, para renegar os animos e assegurar a vida do sr. António Granjo, fez um vibrante discurso recomendando prudência, probando o facto de terem tentado matar Cunha Leal, etc.

O sr. Carvalho Crato dirigiu-se depois a buscar o sr. dr. António Granjo, e quando já ambos descião a escada do gabinete onde este se encontrava, produziu-se uma grande confusão, enquantos outros indivíduos, armados uns, por serem dos grupos civis, desarmados outros, por não pertencendo a eles, ou, pertencendo, não terem armamento se conservaram firmes, soltando vivas diversos. Das janelas espremeu-se para a previsão de um choque. Mais não. Feitas as evoluções, a cavalaria estaciona em frente dos correios e ao pé de Entrepedres, postando-se mais tarde um outro esquadro de cavalaria junto da igreja de Santo Ildefonso.

— Para esse efeito, vocês vão...

— Vamos efectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos.

— E os presos... Sempre veem para a prisão?

— Não prescindimos da sua liberdade.

— Não posso esclarecer a sua libertação.

— Para esse efeito, vocês vão...

— Vamos efectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos.

— E os presos... Sempre veem para a prisão?

— Não prescindimos da sua liberdade.

— Não posso esclarecer a sua libertação.

— Para esse efeito, vocês vão...

— Vamos efectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos.

— E os presos... Sempre veem para a prisão?

— Não prescindimos da sua liberdade.

— Não posso esclarecer a sua libertação.

— Para esse efeito, vocês vão...

— Vamos efectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos.

— E os presos... Sempre veem para a prisão?

— Não prescindimos da sua liberdade.

— Não posso esclarecer a sua libertação.

— Para esse efeito, vocês vão...



# Belsaúde VITERI

Cigarilhas medicinais ultra-elegantes  
Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, ronquido, e  
apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz,  
olhos, bronquios e pulmões.

1. Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituldo o mais prático  
do dos inaladores.  
2. E usadas pelas senhoras mais fina porque perfuma o hálito e evita a carie  
dentária e por tóxicas as pessoas que tem de suportar óculos devidos porque as  
defende de contágios perigosos.

3. São usadas pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de  
bronquites crônicos, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes  
sons reparadores seguidos;

4. Limpando o pigarro, combata a ronquidão, solara a voz e forteza as cordas  
vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

## O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5. Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias  
dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro  
gasoso.

6. Desenvolpe o cérebro fatigado, ativa as faculdades intelectuais, evi-  
tando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que passam muitos

7. Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos dentes, porque o  
sómano o ambiente e introduzem-se em todas as células das vias respiratórias, per-  
servando-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia,  
diphtheria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

## PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos  
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.**

Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D.

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

**Valério, Lopes & C.ª L.**

Telefones (central) 2778 e 3478  
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,  
latão, zinco, chumbo e aresões diversos.

Carris, vagoneiras e todos os pertences de material

Decauville.

22, Largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7

**LISBOA**

**GRANDE ECONOMIA**

EPOCA AGRICOLA DE 1921

Seguros de incêndio de searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA SÓ METADE DOS PREMIOS até aqui esta  
beleciados nos seguros de cereais e paixas.

ALEMDISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS  
ou contribuições pois que estas são por ela integralmente pagas.



**A MUNDIAL**

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7  
SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

**Chapelaria A SOCIAL**

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos  
e mescas em cores lindíssimas,  
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

**GRANDE NOVIDADE**

Chapeu mole, novo modelo americano,  
muito elegante, só na Cooperativa  
A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º  
ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiares de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

**Fábrica de bonets**  
Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)



ESPECIALIDADE  
EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—